

Artigo recebido em
18/03/2015
Aprovado em
29/09/2015

A escolha de Jolie e a representação midiática do câncer de mama hereditário¹

MARIALICE EMBOAVA
PUC Minas – marialice.
emboava@gmail.com
Doutoranda do PPGCOM/
UFMG na linha de pesquisa
de Processos Comunicativos
e Práticas Sociais; mestre
em Relações Internacionais
e Comunidade Europeia
pela Kent University (UK);
graduada em Jornalismo
pela ECA/USP; professora
licenciada de Jornalismo na
PUC Minas.

Marialice Emboava

Resumo

Este trabalho investiga se a representação midiática da mastectomia preventiva da atriz Angelina Jolie nos jornais *Folha de São Paulo* e *O Globo* contribuiu para que o leitor entendesse o caráter hereditário do câncer de mama. A cobertura de câncer de mama hereditário tem alto valor de noticiabilidade: envolve, entre outros aspectos, medo, relações entre mãe e filhas, significado sexual e social dos seios e o impacto da hereditariedade nas mulheres jovens como Jolie. A análise de conteúdo demonstrou que a cobertura pode ter ajudado a diminuir o estigma que cerca a doença. E, se por um lado pode ter aumentado a ansiedade das leitoras para saberem se são ou não portadoras de genes modificados, por outro pode ter supervalorizado o fator genético no caso do câncer de mama – ou seja, pode ter levado os leitores a acreditar que, se não há ninguém na família com câncer de mama, não há risco de contrai-lo.

Palavras-chave

Câncer de mama, Celebridade, Saúde.

Abstract

This paper investigates whether the media representation of Angelina Jolie's preventive mastectomy in the newspapers *Folha de São Paulo* and *O Globo* contributed to the reader understanding on hereditary breast cancer. Coverage of hereditary breast cancer has high value of newsworthiness: involves, for example, fear, relationships between mothers and daughters, sexual and social significance of the breasts and the impact of heredity in young women like Jolie. The content analysis showed that the coverage may have helped lessen the stigma surrounding the disease. And, if on one hand, the coverage may have increased the anxiety of readers to find out whether or not they are carriers of mutated genes, on the other, it may have overestimated the genetic factor in the case of breast cancer – ie, may have led readers to believe that if there is no one in the family with breast cancer, there is no risk of contracting it.

Keywords

Breast cancer, Celebrity, Health.

¹Uma versão deste artigo
foi apresentada no 11º
Congresso Brasileiro de
Saúde Coletiva, em Goiânia,
de 28 de julho a 1º de agosto
de 2015.

A repercussão no Brasil dada à carta *My medical choice* (“Minha escolha médica”), da atriz e diretora de cinema Angelina Jolie – publicada no *New York Times* (NYT) em 14 de maio de 2013 –, estimulou-nos a desenvolver a presente investigação em que examinamos se as representações midiáticas geradas ajudaram o público a entender o caráter hereditário do câncer de mama. Para isso, analisamos os jornais *Folha de São Paulo* e *O Globo*², utilizando-se do método de análise de conteúdo. Discutimos primeiro a divulgação pelas celebridades de suas intimidades relacionadas à saúde. Depois, testes genéticos, estilos de vida e cuidado de si são contextualizados na medicina preditiva. Em seguida, apresentamos a análise e as considerações sobre esta investigação.

Celebridade

Segundo o pesquisador norte-americano Leo Braudy (*apud* SIMÕES, 2012, p. 19), os grandes feitos que marcaram a trajetória de Alexandre, o Grande, fizeram com que o rei da Macedônia fosse considerado a primeira pessoa famosa. É na modernidade, no entanto, que outros autores situam o surgimento do fenômeno da celebridade – é nessa época que nasce a ideia do indivíduo autônomo (individualismo moderno), capaz de pensar e fazer escolhas. Sem ter que obedecer ao rei ou à Igreja – que vivia a crise do catolicismo com a Reforma Protestante –, embalados pela Revolução Industrial e pelas ideias do Iluminismo, os indivíduos passaram a cultivar as personalidades.

Mas é o surgimento da comunicação de massa que transforma o processo de

constituição das celebridades (SMART, 2005 *apud* SIMÕES, 2012, p. 21). Embora não tenha papel determinante nesta constituição, a mídia inicia o processo de circulação de significados fazendo com que as celebridades se tornem onipresentes na vida cotidiana. Por sua vez, os significados orientam a vida dos sujeitos, que também influenciam na atualização daqueles significados, numa ação de mútua afetação entre mídia e sociedade.

Para reforçar o novo significado que celebridade ganha na era da comunicação de massa, Charles Kurzman *et al* (2007) remete à tese de Chris Rojek que diz que as imagens visuais fazem a fama se tornar instantânea – algo que as palavras impressas apenas não conseguiriam. O desenvolvimento cinematográfico marca a consolidação da cultura da celebridade. Para Kurzman *et al* (2007), no entanto, uma nova fronteira foi alcançada no final do século XX, quando celebridade passou a ser dissociada de reputação relacionada à beleza ou ao talento. É o que Rojek (2008) chama de *celetoids* – pessoas que desfrutaram dos seus 15 minutos de fama conquistados, por exemplo, em um concurso valorizado pela mídia, para logo cair no esquecimento.

A pesquisadora Paula Simões (2012) defende que um ídolo não se constrói apenas a partir de dons do corpo e do espírito, isto é, a partir de talentos. Partes importantes do processo, os talentos não garantem a configuração de uma celebridade. De nada adiantam se não houver a devoção afetiva – aquilo que constrói a relação entre um líder carismático e seu público, ou seja, os sujeitos devem reconhecer os atributos que a celebridade possui, argumenta Simões (2012), remetendo-se a Max Weber.

A diretora de cinema e atriz Angelina

²Eles serão mencionados como *Folha e Globo* neste trabalho

Jolie é reconhecida pelos seus públicos como detentora de talentos. Ou seja, ela desfruta da devoção afetiva que, entre outros aspectos, é construída também por meio do seu envolvimento em campanhas humanitárias, o que qualifica a sua visibilidade midiática (CAMPANELLA, 2013).

Ao tornar públicos fatos sobre a sua saúde, a jovem atriz despertou emoções e construiu novos laços com o seu público. É o que veremos na seção seguinte.

Celebridade e saúde

Sabemos que detalhes da vida privada das celebridades fazem parte da cobertura noticiosa de diversas mídias. Entre os assuntos, estão os relacionamentos amorosos, escândalos sexuais, gravidez, ganho ou perda de peso, luta contra o uso de álcool e outras drogas. As pesquisadoras Amanda Hinnant e Elizabeth Hendrickson (2012), que analisaram histórias de saúde de celebridades em três revistas norte-americanas de grande circulação, ressaltam:

Estes detalhes das vidas das celebridades podem ter influência no comportamento dos leitores dado o crescente privilégio normativo das celebridades que leva não-celebridades à imitação (HINNANTE HENDRICKSON, 2012, p. 198).

Para essas estudiosas, o tema saúde se encaixa no privilégio normativo (isto é, pessoas comuns querem imitar celebridades), o qual Kurzman *et al* (2007) descreveu como um dos quatro aspectos do *status* de celebridade que cresceram em importância no século passado³. Elas afirmam que na área da

saúde há diversos exemplos de indivíduos que seguiram os passos de celebridades. A ilustração mais proeminente é o chamado *Katie Couric effect*, em que a então conhecida apresentadora da TV americana protagonizou, em 2000, uma colonoscopia⁴ ao vivo, o que aumentou por nove meses consecutivos o número de indivíduos que se submeteram a esse exame⁵. Em 2005, Robin Larson *et al* publicou artigo em que um quarto dos entrevistados que viram ou ouviram uma celebridade endossar exames preventivos para certos tipos de câncer (mamografia, colonoscopia e sigmoidoscopia) disseram que ficaram mais propensos a realizar os exames. Já Chapman *et al* (2005) pesquisaram as narrativas da cobertura da mídia sobre o câncer de mama da cantora Kylie Minogue em quatro estados australianos. Eles concluíram que houve um aumento sem precedentes na marcação de exames de mamografia naquele ano. Em 2011, Mac Arthur *et al* investigaram outro caso: o da celebridade britânica Jade Godoy, que teve presença permanente na imprensa no período entre o diagnóstico de câncer de útero, em 2008, e sua morte, em 2009. Os autores concluíram que matérias de veículos de comunicação de massa estavam associadas ao aumento significativo, mas temporário, do número de exames preventivos de câncer de útero realizados no País de Gales.

Por que os indivíduos imitam a atitude de celebridades que endossam a realização de exames preventivos ou por que se sentem “tocados” pela doença de seus ídolos? Dois conceitos de Chris Rojek (2008) podem ajudar a entender essa questão. O autor argumenta que a cultura das celebridades é responsável por mobilizar e tornar concretos desejos abstratos, mostrando

³Os três outros são: privilégio interacional, privilégio econômico, privilégios legais.

⁴Exame de imagem que verifica o intestino.

⁵A pesquisa, citada por Simon Chapman *et al* (2005), foi realizada por Cram P. Fendrick AM, Inadomi J. *et al*.

ao público qual o padrão a ser seguido. Outro aspecto apontado pelo sociólogo é a capacidade das celebridades em humanizar desejos – e as matérias sobre a saúde das celebridades contam com as qualidades humanitárias do compartilhamento das intimidades sobre saúde, segundo Hinnant e Hendrickson (2012). As pesquisadoras lembram Gamson ao afirmarem que compartilhar “coisas da vida”, como a saúde e a mortalidade, é a banalidade que Gamson advoga promover mais conexão e intimidade entre celebridades e admiradores.

Com estas histórias sobre saúde, as celebridades ganham autenticidade que, combinada com seu elevado status, podem dar a elas um grau de autoridade nos assuntos de saúde pessoal (HINNANT E HENDRICKSON, 2012, p. 199).

As histórias sobre saúde das celebridades, no entanto, também podem estigmatizá-las ao expor, por exemplo, casos de dependência química – é o conteúdo moral das coberturas sobre saúde que acaba definindo os limites de aceitabilidade da conduta da celebridade por parte do público (HINNANT E HENDRICKSON, 2012). Há problemas de saúde que, para o público em geral, são mais controláveis que outros. Se causados pela obesidade, por exemplo, os problemas podem ser interpretados pelo público como fruto da comilança e vida desregrada do ídolo que não se empenha em mudar o estilo de vida. Já o câncer, embora também possa ter relação com hábitos como o tabagismo e outros aspectos ligados ao estilo de vida, é visto como uma doença fora do controle da pessoa. A indicação da controlabilidade de uma doença é

importante em determinar as emoções que as histórias das celebridades podem evocar (HINNANT E HENDRICKSON, 2012).

Com a predisposição ao câncer de mama anunciada, Jolie desperta a atenção do público para outro tipo de tratamento: aquele que lida com a doença antes mesmo dela aparecer. É o que analisaremos na seção seguinte.

Medicina preditiva

Ao tornar pública sua atitude em um dos mais importantes jornais do mundo, o *New York Times*, a atriz Angelina Jolie deu visibilidade, entre outros aspectos, à medicina preditiva. Essa modalidade de medicina surgiu na segunda metade do século XX, graças aos avanços das pesquisas sobre herança genética e aos estudos da epidemiologia dos fatores de risco – a área que analisa as determinações e os determinantes das doenças e outros problemas de saúde nas populações humanas. Sua escolha ilustra a forma como a doença passou a ser pensada a partir da década de 1950: em termos de segurança e controle. Até então, o conceito de doença era outro: se não houvesse sintoma, não se procurava um médico. No mundo hodierno, no entanto, o indivíduo não tem sinais de doença, mas busca um modo de vida (que inclui alimentação, trabalho, exercícios físicos, exames de imagem preventivos, testes genéticos) para prevenir enfermidades.

Por causa da visibilidade dada pelos dispositivos midiáticos aos temas da epidemiologia dos fatores de risco, tem-se um indivíduo preocupado com as doenças que ele pode vir a ter, suas potenciais causas de morte e a sua expectativa de vida (BRUNO, 2006; VAZ, 2006, 2009). Para Vaz e Portugal:

O normal no sentido médico ganha uma dimensão de idealidade que faz dos saudáveis uma minoria; mais precisamente, algo que muitos conseguem ser desde que consumam medicamentos, desde que incorporem uma prótese tecnológica (VAZ E PORTUGAL, 2012, p. 48).

Para administrar os fatores de risco, o estilo de vida é invocado em diversas matérias e programas nos meios de comunicação. Espera-se, assim, educar os indivíduos para que possam se autogerenciar. É o foco na responsabilidade individual que seria fruto da liberdade de escolha do sujeito no mundo hodierno, segundo a ideologia neoliberal. A ênfase é na economia de gestão dos riscos (podemos escolher ser saudáveis, se seguirmos o que dizem as pesquisas comportamentais e epidemiológicas). Podemos identificar, assim, a confluência entre as microtecnologias e as macrotecnologias citadas por Binkley (2010) ao retomar o conceito de governamentalidade⁶ de Foucault. As primeiras (micro) se referem às tecnologias por meio das quais os indivíduos se relacionam e se governam a si mesmos. As segundas, dizem respeito às tecnologias “por meio das quais os estados e as autoridades sociais governam grupos, instituições e populações” (BINKLEY, 2010, p. 90). Para que haja confluência entre a microtecnologia e as macrotecnologias, os dispositivos informacionais⁷, principalmente os relacionados às práticas jornalísticas, desempenham uma estratégia privilegiada: é necessário que os indivíduos sejam educados, conhecedores e bem informados, para que tenham capacidade de se autogovernarem e de assumirem os resultados de

suas próprias escolhas.

No penúltimo parágrafo do artigo “Minha escolha médica”, a atriz Angelina Jolie se dirige às mulheres para que “elas possam saber que têm escolhas”. Na seção seguinte examinaremos se as matérias geradas pelos jornais *Folha* e *Globo*, após a carta de Jolie no *NYT*, ajudam, de fato, as mulheres a fazerem uma escolha. As matérias esclarecem a hereditariedade do câncer de mama ou aumentam a ansiedade das leitoras/leitores? As mensagens das matérias sobre a dupla mastectomia de uma celebridade têm atributos de autoridade? São essas questões que analisaremos na seção seguinte.

A análise

Para esta investigação, optamos pela análise de conteúdo por ser um método que se revela de grande utilidade na pesquisa jornalística, segundo Heloiza Herscovitz (2007). O *corpus* é constituído por 25 matérias da *Folha* e 19 do jornal *Globo* publicadas nos respectivos veículos impressos e sites. O período de abrangência é de um mês, a partir da publicação do artigo de Jolie no jornal *NYT* (de 14 de maio a 14 de junho)⁸. Foram duas as razões para escolher esses jornais de circulação nacional: acreditamos que ao analisá-los poderíamos apreender melhor os diferentes sentidos acerca da atitude da atriz Angelina Jolie que circularam na mídia dita de qualidade. A outra razão é a facilidade de acesso aos arquivos digitais da *Folha* e do *Globo*. No período analisado, foram excluídas cinco matérias⁹.

O *corpus* será analisado sob a ótica de duas categorias. A primeira, *atores*, refere-se aos que contribuíram para a construção das narrativas jornalísticas e inclui autores das matérias – repórteres,

⁶Foucault utiliza o termo para se referir ao objeto de estudo das maneiras de governar. É o exercício do poder que tem a população como objetivo principal; por forma central, a economia política e por instrumento técnico essencial, os dispositivos de segurança (CASTRO, 2009, p. 190).

⁷Inicialmente, Foucault usou o termo com o sentido de ferramenta ou dispositivo. Depois, a noção de dispositivo passou a se referir à rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regramentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais filantrópicas, o dito e o não dito. Ele fala de dispositivos disciplinares, dispositivos de poder, dispositivos de saber etc (CASTRO, 2009, p. 124).

⁸Inicialmente, a proposta previa a análise apenas das matérias publicadas nos dois jornais impressos. Diante das dúvidas geradas, ainda na etapa de coleta do corpus, pelo material do jornal *O Globo*, decidimos analisar tanto o que foi publicado no impresso quanto na internet nos dois sites.

⁹Dois matérias sobre o resultado da Suprema Corte dos EUA que não autorizou a criação de patentes de genes humanos; duas sobre o programa britânico de teste genético e uma crítica sobre o programa *Saia Justa*. Vale notar que essas matérias utilizaram o caso Angelina Jolie ou para se tornarem mais atraentes ou/e para exemplificar a situação (como na matéria sobre patentes). No entanto, nenhuma delas discutiu o caso.

agências internacionais, redação –, fontes especializadas e não especializadas (personagens, por exemplo), instituições como a assessoria de imprensa da Sociedade Brasileira de Mastologia ou sites como o da clínica em que a atriz foi operada e, por fim, as redes sociais, como Facebook e Twitter, que também geraram matérias. A segunda categoria, *tópicos sobre câncer de mama*, analisa a contextualização das matérias e se elas apresentam as necessidades informativas dos leitores e mostram a complexidade da situação. Verificamos se as estatísticas e dados relacionados aos testes genéticos vão além da situação individual de uma celebridade, ampliando o relato e jogando luzes sobre situações coletivas. As seções em que foram publicadas também são levadas em consideração por revelarem como o assunto foi tratado pelos jornais. Por fim, examinamos se as matérias aprofundam temas relacionados ao câncer de mama, citando descobertas recentes, orientações sobre prevenção, apresentando diversas possibilidades além da mastectomia profilática, diretrizes do sistema público brasileiro etc.

Atores

Assim como a cirurgia da atriz foi planejada, sua publicização também, e pudemos identificar três fontes centrais no primeiro dia (14 de maio de 2013)¹⁰, que alimentaram a repercussão nos dois jornais analisados. A primeira é o artigo de Angelina Jolie no *NYT*, seguido pela declaração do marido dela, o ator Brad Pitt, a um colunista do jornal britânico *Evening Standart*, definindo a atitude da atriz como “heroica”. A terceira fonte é a médica responsável pelo procedimento, Kristi Funk, que contou no blog da clínica

em que a atriz foi operada a “jornada cirúrgica” de Jolie: “No quarto dia depois das mastectomias, eu fiquei muito satisfeita de encontrá-la não apenas com boa disposição e com grande energia, mas com duas paredes de casa cobertas com novas ilustrações de um projeto que está dirigindo. Enquanto falava, seis drenagens cirúrgicas estavam penduradas em seu peito, três de cada lado, ajustadas com um cinturão elástico ao redor da cintura”. É interessante notar que, neste trecho reproduzido pela *Folha*, a imagem da atriz construída pela médica pode levar o leitor a pensar que está diante de uma supermulher.

A carta de Jolie e a declaração de seu marido repercutiram no site dos jornais analisados no mesmo dia. A da médica, no dia seguinte (15 de maio). Observamos que ao invés de esperar, por exemplo, que algum veículo revelasse sua mastectomia preventiva, a atriz criou o momento da sua manifestação, ou seja, a publicização não foi resultado de decisões soberanas de um ambiente jornalístico, mas de decisões da atriz que, utilizando-se das lógicas midiáticas, tornou-se gestora de um novo tipo de produção de sentido (FAUSTO NETO, 2012). É a midiatização da sua mastectomia preventiva.

Envolta em emoção ao invocar os filhos, a morte da mãe aos 56 anos e o desejo de longevidade, a carta de Jolie revela sua intimidade. Hinnant e Hendrickson (2012) remetem-se a Gamson para dizer que detalhes de saúde e outras coisas ordinárias da vida aproximam celebridades e seus públicos. A atitude de Jolie foi saudada, no primeiro dia, como corajosa, valente e forte, entre outros adjetivos usados pelos jornais analisados. Podemos dizer que, entre os *atores*, as

¹⁰Em 17 de maio de 2013, Angelina Jolie estampava a capa da revista *Time*. É provável que também tenha sido planejado pela atriz dado o tempo necessário para se produzir revistas semanais.

celebridades ocuparam parte importante da cena e se pronunciaram, demonstrando solidariedade. Os dois jornais traduziram uma matéria em que diversas celebridades, entre elas atrizes também mastectomizadas, saúdam a atitude de Jolie. “Um texto tão corajoso e inspirador” (Bianca Jagger), “Tão valente” (Sheryl Crow), “Corajosa e forte. Angelina Jolie é um exemplo” (Marlee Matlin).

Uma apresentadora da *CNN*, encorajada pelo depoimento de Jolie, manifestou-se pelo Facebook e confessa que fará o mesmo procedimento. “Lutei por semanas tentando descobrir como contar que fui diagnosticada com câncer de mama. Então... Angelina Jolie compartilha sua história de uma mastectomia dupla e me dá força”. Aqui é evidente o efeito normativo (o de serem imitadas) que as celebridades causam, discutido por Kurzman *et al* (2007). De parte das celebridades brasileiras, e na tentativa de aproximar a notícia da realidade do país, Rita Lee foi lembrada como aquela que havia feito o mesmo procedimento (sem reconstrução das mamas) e frases da cantora veiculadas pela revista *IstoÉ*, em 2010, foram republicadas, além da opinião dela que, pelo Twitter, considerou que a imprensa estava “fazendo um fuzuê” sobre a atitude de Jolie. Ainda na categoria de *atores*, em que as celebridades têm papel importante, a *FSP* convidou a atriz Betty Lago, que teve câncer na vesícula, a escrever um artigo sobre a atitude de Jolie. “Todos deveriam ler o artigo [de Jolie]”, escreve Betty. “É bem escrito, simples, direto e cheio de amor. Me emocionei”.

Todas as não-celebridades que foram personagens das matérias jornalísticas, brasileiras ou não, fizeram mastectomia preventiva e dão caráter humano às

narrativas. Tanto no jornal *Globo* quanto na *Folha* são apenas duas brasileiras e o único efeito negativo, relatado por uma delas no *Globo*, foram as cicatrizes. No entanto, uma tradução do *NYT* veiculada pela *FSP*, em 27 de maio, traz o depoimento de duas norte-americanas e revela que 35% dos procedimentos de reconstrução dos seios realizados nos EUA, segundo estudo de 2012, tiveram riscos e complicações – como infecções, hemorragias e dor (síndrome da disfunção do quarto superior). As histórias de vida reveladas por esses testemunhos não chegam a ter a função de um diagnóstico, como mencionado em um estudo sobre medicamentos de Vaz e Portugal (2012), mas aproximam o leitor da situação descrita e geram a dúvida: “será que também tenho o gene defeituoso?”.

Se podemos dizer que, na escolha das testemunhas mastectomizadas, predominou o endosso ao procedimento da atriz, o mesmo não pode ser dito em relação à opinião dos especialistas. A maior parte desses profissionais era brasileira pertencente a instituições como a Sociedade Brasileira de Mastologia ou a hospitais com reconhecida qualificação na área, como o Instituto Nacional de Câncer (Inca), no Rio (*Globo*), ou o A. C. Camargo e o Sírio-Libanês, em São Paulo (*Folha*). Mas os jornais também se utilizaram de fontes especializadas internacionais oriundas de matérias traduzidas de sites como *CNN*, *The Guardian*, *El País* etc.

A postura das fontes especializadas foi diversificada. Havia os que estavam a favor: “Eu recomendo. O resultado é igual ao de um aumento de mama, uma plástica”, explicou Sampaio, frisando que a cicatriz fica bem pequena. ‘Antes, as pacientes ponderavam mais, com medo

de sofrer algum tipo de mutilação ou por questões estéticas”” (Cirurgião plástico e mastologista João Carlos Sampaio, diretor do Instituto Brasileiro de Controle do Câncer, *Globo*, em 14 de maio de 2013). E havia os que pediram cautela: “A investigação do risco genético é pouco explorada no Brasil, mas é preciso ter cuidado com a indicação da cirurgia preventiva. No caso de Angelina, porém, Mano afirma que a indicação foi correta. ‘Ela tem uma indicação gravíssima. Muitas pessoas não conseguem conviver com o risco. É uma escolha do paciente’”. (Oncologista Max Mano, do Hospital Sírio-Libanês, *Folha*, 15 de maio de 2013). O ministro da Saúde do Brasil foi fonte nos dois jornais e pediu às mulheres cautela, dizendo que a mastectomia profilática não é consenso. Na *Folha*, dois leitores médicos escreverem na seção Cartas, qualificando o procedimento de precipitado. Uma outra carta de leitor se posicionou contra a atitude da atriz, lembrando as difíceis condições que as brasileiras atendidas pelo SUS enfrentam. Essa carta politizou o assunto.

Tópicos sobre câncer de mama

Capa dos dois jornais analisados em 15 de maio de 2013, uma foto de Angelina Jolie com seios à mostra estampou o *Globo*, enquanto a *Folha* preferiu uma imagem da atriz já mastectomizada em uma viagem humanitária na África. Ao analisarmos se o conjunto de matérias, de maneira geral, endossa ou não o procedimento da atriz, observamos que predomina o discurso a favor em ambos os jornais. Na *Folha*, 16% das matérias apresentaram outros métodos (como quimioterapia profilática, remédios, acompanhamento por ressonância magnética). No *Globo*,

15%, e entre essas matérias está a única que tratou de prevenção.

Nas editorias de Cultura e de Saúde do *Globo* foram publicadas as notícias de repercussão do caso.¹¹ Já na *Folha*, houve mais dispersão entre as editorias, e prevaleceu a Ilustrada¹². O fato de a protagonista desta nova produção de sentido ser uma celebridade explica, em parte, a escolha das editorias em que as notícias foram publicadas. Se considerarmos o trabalho seminal de Lesley Henderson e Jenny Kitzinger (1999), poderíamos dizer que essas editorias (*soft news*) ajudam a audiência a entender melhor a complexidade do fato – foi o que essas pesquisadoras defenderam em estudo sobre notícias de riscos hereditários do câncer de mama que, publicadas como *soft news* e geralmente representadas envolta ao drama humano, são mais relevantes e significativas que as notícias sobre doenças publicadas rotineiramente.

No presente estudo, no entanto, o fato de a maior parte das notícias terem sido publicadas nas editorias ditas *soft news* não contribuiu para que a complexidade da hereditariedade do câncer de mama fosse explicitada. Embora 32% das matérias do *Globo* e 24% da *Folha* tivessem tentado contextualizar o tópico, o assunto “câncer de mama e hereditariedade” não é aprofundado e discutido na perspectiva de situações coletivas. Praticamente quase todas as matérias citam que as chances de Jolie desenvolver câncer de mama eram de 87% e de ovário, 50%. Porém, somente as matérias que contextualizaram o assunto (24% na *Folha* e 32% no *Globo*) trataram da baixa hereditariedade dos cânceres de mama (entre 5% e 10%). Outro tema pouco discutido é que, mesmo retirando-se as

¹¹Nove e dez, respectivamente.

¹²Nove matérias. Quando se considera apenas o impresso, as editorias que receberam o maior número de matérias foram Opinião (4) e Saúde + Ciência (3).

mamas, o risco de câncer não está 100% afastado. A reconstrução dos mamilos é outro ponto nevrálgico. Somente um especialista (na *Folha*) explicou que os mamilos perdem sensibilidade e, por isso, a tendência dos procedimentos é sua preservação, mesmo correndo-se o risco de se ter células cancerosas nos canais mamários. Apenas uma matéria (depoimento de mastectomizada no *NYT* traduzido pela *Folha*) é explícita em dizer que os seios ficam sem papel sexual. São evidentes também as poucas informações sobre a disponibilidade de tratamento do câncer de mama no Brasil. Algumas matérias trouxeram o preço do teste genético no país, disponível, naquela ocasião, somente na rede privada.

Considerações

O estudo de Henderson e Kitzinger (1999) já havia demonstrado que histórias sobre câncer de mama são geralmente identificadas pelos repórteres como pautas que terão facilmente apoio de seus editores. Quando se trata da hereditariedade do câncer de mama, escreveram as pesquisadoras, o apelo de noticiabilidade aumenta. É um tema que invoca emoções poderosas, medo, tragédia (morte prematura, por exemplo); pode estreitar ou dilacerar os laços entre mães, filhas, amantes. Somam-se também o significado sexual e social ligado aos seios e o impacto da hereditariedade nas mulheres jovens (HENDERSON E KITZINGER, 1999, p. 569). Essas pesquisadoras não trataram de celebridades, mas, como demonstrado no presente estudo, notícias relacionadas à saúde de celebridades podem aumentar a conexão e intimidade com os fãs, caso estes julguem o controle da doença como externo ao ídolo – ou seja, a saúde de

uma celebridade não está em xeque, por exemplo, porque ela bebe ou fuma muito, mas por fatores sobre os quais não tem controle como a hereditariedade (genética). Além disso, a celebridade pode levar muitos fãs a realizarem exames preventivos ao endossar esse tipo de atitude (fator normativo).

No caso de Jolie – 37 anos, seis filhos, bonita e talentosa –, o drama e o interesse

O tema invoca emoções e aumenta o apelo de noticiabilidade

humano estavam bastante explícitos e o discurso midiático sobre a mastectomia duplada atriz no *corpus* analisado evidencia a medicina preditiva e ilustra a confiança que se deposita nos avanços da pesquisa genética. É importante acrescentar que a carta de Jolie, tratada como testemunho de uma celebridade mastectomizada, provavelmente contribuiu para diminuir o estigma que cerca o câncer de mama e suas marcas no corpo da mulher. Também contribuiu para a divulgação de testes genéticos, mostrando que podem ser acessíveis a não-celebridades, como foi o caso de algumas personagens brasileiras das matérias citadas neste estudo. As condições do SUS e da rede privada de saúde para o atendimento a portadores de câncer de mama, no entanto, não são discutidas, o que pode gerar ansiedade ou medo na maioria dos leitores diante das dificuldades em se obter tratamento e/ou informações.

Por outro lado, a repetição em praticamente todas as matérias das chances da atriz em desenvolver câncer de mama e ovário (87% e 50%, respectivamente) nem sempre acompanhada pela informação clara de que apenas entre 5% e 10 % desse tipo de câncer é hereditário, pode levar leitores a superestimar o papel da genética no desenvolvimento do câncer de mama: se não há nenhum caso na família, o indivíduo estará livre de contraí-lo (a notícia da morte de uma tia de Jolie por câncer de mama no período analisado pode ter reforçado este aspecto). A cobertura também pode ter reforçado a crença da “genetização das doenças” (NELKIN E LINDEE, 1995 *apud* HENDERSON E KITZINGER, 1999, p. 572). Com números tão precisos (87%), os leitores podem ter tido a impressão de que os testes genéticos oferecem certeza absoluta de diagnóstico.

Por último, devemos afirmar que a análise da cobertura em apenas dois jornais

é insuficiente para examinar como se deu a representação na mídia do caso Angelina Jolie e como pode ter influenciado o entendimento do público sobre câncer de mama hereditário. Para uma ideia mais ampla, outros tipos de mídia – como telejornais, programas de entretenimento – também devem ser incluídos em uma investigação futura. Pelo presente estudo, no entanto, podemos afirmar que a atitude de Jolie a aproxima do público – ao compartilhar essas fraquezas, a celebridade ganha simpatia e popularidade (HINNANT E HENDRICKSON, 2012). Seu poder normativo enquanto celebridade é expresso pela própria atriz, quando cita, na carta *My medical choice*, seu desejo de inspirar outras mulheres que enfrentam a doença. Vera França (2011) argumenta que somos atraídos pelo drama de nossos heróis e sofremos com eles. E seus reveses, afinal de contas, são mais fáceis de suportar que a nossa própria dor.

Referências bibliográficas

BINKLEY, Sam. **A felicidade e o programa de governamentalidade neoliberal**. In FREIRE FILHO, João (org). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, pp. 83-104.

BRUNO, Fernanda. **O biopoder nos meios de comunicação: o anúncio de corpos virtuais**. *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo, v.3, n.6, pp. 63-79, mar 2006.

CAMPANELLA, Bruno. **A celebridade nas campanhas socialmente engajadas: a formação do capital solidário**. In: XXII Encontro da Compós, 2013, Salvador (BA).

CHAPMAN, Simon; MCLEAD, Kim; WAKEFIELD, Melanie; HOLDING, Simon. **Impacto of news of celebrity illness on breast cancer screening: Kylie Minogue’s breast cancer diagnosis**. *Medicine and the media*, v.183, n.5, pp. 204-209, Sept 2005.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mediatização da enfermidade de Lula: sentido em circulação em torno de cum corpo significantes**. In.: MATTOS, Angela *et al* (org). *Mediação e mediatização*. Salvador: UFBA, Brasília: Compós, 2012, pp. 297-321.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANÇA, Vera V. **A felicidade ao seu alcance: que felicidade, e ao alcance de quem, afinal?**. In FREIRE FILHO, João (org). Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, pp. 213-226.

HENDERSON, Lesley; KITZINGER, Jenny. **The human drama of genetics: 'hard' and 'soft' media representations of inherited breast cancer**. *Sociology of Health and Illness*, v.21, n.5, pp. 560-578, 1999.

HERSCOVITZ, Heloiza. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007, pp. 123-142.

HINNANT, Amanda; HENDRICKSON, Elizabeth. **Rhetorical visions of health: a fantasy-theme analysis articles**. *Celebrity Studies*, v.3, n.2, pp. 197-212, May 2012.

KURZMAN, Charles *et al.* **Celebrity Status**. *Sociological Theory*, v.25, n.4, pp. 346-367, 2007.

LARSON, Robin et al. **Celebrity endorsements of câncer screening**. *Journal of the National Cancer Institute*, v.97, n.9, pp. 693-695, May 2005.

ROJEK, Chris. **Celebridade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SIMÕES, Paula Guimarães. **O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo**. Tese. 32?fl. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, 2012.

VAZ, Paulo; POMBO, Marina. **Sofrimento psíquico, mídia e produção de subjetividade: elaboração de um nexos causal**. In: XVII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2008, São Paulo. Anais do 17º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. São Paulo: UNIP, 2008. v.1., pp. 1-14.

VAZ, Paulo; PORTUGAL, Daniel. **A nova "boa-nova": marketing de medicamentos e jornalismo científico nas páginas da revista brasileira *Veja***. *Comunicação, mídia e consumo*, v. 9, n.26, pp. 37- 60, 2012.

VAZ, Paulo. **Mídia, moralidade e fatores de risco em saúde**. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro 25(3): pp. 472-473, mar 2009.

_____. **O sentido das notícias sobre saúde na cultura contemporânea**. *ECO-POS*, v.10, n.1, pp. 107-119, jan-jul 2007.

_____. **Consumo e risco: mídia e experiência do corpo na atualidade**. *Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo, v.3, n.6, pp. 37-61, mar 2006.